



Professores e técnicos da Ufal e do Ifal participaram de ato realizado, ontem pela manhã, no Centro de Maceió

MOBILIZAÇÃO. Servidores da Ufal e do Ifal cobram reabertura de negociação com o Ministério da Educação

Grevistas fazem ato de protesto

Parada há quase dois meses, categoria intensifica movimento em prol de suas reivindicações; paralisação começa a trazer prejuízos financeiros

BLEINE OLIVEIRA
REPÓRTER

Mobilizados pelo Comando Unificado, professores e técnicos da Universidade Federal de Alagoas (Ufal) e do Instituto Federal de Alagoas (Ifal) realizaram, ontem pela manhã, um ato de protesto contra o governo da presidente Dilma Rousseff. Em greve há cerca de dois meses, as categorias querem que o Ministério da Educação (MEC) reabra as negociações, suspensas desde março, e volte a discutir as reivindicações que apresentaram. A principal reivindicação do movimento grevista é a reestruturação da carreira docente.

Sem negociação, afirmam dirigentes sindicais, o movimento grevista será ampliado e intensificado. Os professores da Ufal completam hoje 58 dias de paralisação e, conforme o presidente do sindicato da categoria, professor Antônio Passos, sem perspectiva de retorno às aulas. “É o governo quem deve dizer quando os estudantes voltarão às salas de aula”, afirmou ele, lamentando o aprofundamento da crise no ensino superior brasileiro.

ADESÃO

Segundo o professor Passos, já chega a 57 o número de universidades federais paralisadas. O movimento, ressalta, ganhou o reforço dos técnicos e servidores administrativos que também cruzaram os braços em 59 instituições. A adesão dos técnicos da Ufal, e dos professores e técnicos do Ifal, reduziu ainda mais a perspectiva de retorno às atividades

letivas e administrativas.

“O governo negocia, muitas vezes nos subterrâneos do Palácio, com todos os setores. Mas insiste em ignorar os trabalhadores do serviço público”, disse Emerson Oliveira, dirigente do Sindicato dos Trabalhadores da Ufal (Sintufal). Por isso, revela,

o comando nacional da greve orientou os sindicatos a intensificar e ampliar as mobilizações em todo País.

PREJUÍZOS

Em Alagoas a greve dos técnicos e pessoal administrativo, iniciada no dia 25 de junho último, começa a trazer prejuízos para fornecedores e construtoras que realizam obras na Ufal. “Estamos trabalhando com escala mínima, o que vai retardando muitos processos”, afirma Emerson Oliveira.

O professor Fabiano Duarte, que integra o comando de greve do Ifal, disse que todas as categorias do ensino superior fe-

deral em Alagoas estão mobilizadas para participar, na próxima quarta-feira, 18, em Brasília, do ato nacional de protesto. “Vamos acampar em frente ao Ministério da Educação”, disse ele.

A greve é, segundo Duarte, resultado da precarização do ensino e da sobrecarga de trabalho dos docentes no Ifal, que tem 11 campus e cerca de 500 professores.

Neste domingo, 15, antes da viagem, o comando do movimento grevista realiza uma carreata na orla de Maceió. Está previsto ainda um novo ato de protesto, com passeata pelas ruas do Centro, no próximo dia 26. ●

Pressão

As categorias do ensino superior federal em Alagoas estão mobilizadas para participar, na próxima quarta-feira, 18, em Brasília, do ato nacional de protesto